



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Aparecida de Jesus Galdino

**O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO  
ÉTNICO-RACIAIS DOS JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2015

Aparecida de Jesus Galdino

**O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO  
ÉTNICO-RACIAL DOS JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte

2015

Aparecida de Jesus Galdino

**O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO  
ÉTNICO-RACIAL DOS JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Rodrigo Ednilson de Jesus – Faculdade de Educação da UFMG

---

Prof.<sup>a</sup> Fernanda Silva Oliveira – Faculdade de Educação da UFMG



Dedico este trabalho aos alunos das turmas 33H , 33I e 33J do turno da manhã (2014) do GETECO pela contribuição efetiva na realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a DEUS, pela força e coragem.

Agradeço aos meus filhos, meu esposo e minha mãe pela paciência, dedicação e incentivos.

Agradeço a todos que me apoiaram e principalmente a minha irmã e a meu sobrinho.

## RESUMO

O presente trabalho foi realizado na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa (GETECO), na cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. Cada vez mais, constata-se que o ambiente escolar reproduz práticas racistas e pouco contribui para a construção da identidade racial dos adolescentes do 3º ciclo. A escola, de maneira geral, quase não interfere de forma efetiva para mudar essa realidade, principalmente devido à falta de conhecimento e interesse com relação à Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003). Buscou-se, através do desenvolvimento de uma intervenção na referida escola, contribuir para a formação da identidade racial dos jovens do 3º ciclo, através de ações afirmativas, que podem promover uma melhor integração e participação desses jovens nas discussões para a educação das relações étnico-raciais. A partir de estudos dos autores Gomes (2010), Dayrell (2007), Munanga (2005), Santos (1994), entre outros, as ações foram desenvolvidas, nos meses de setembro a novembro de 2014, por meio de exibição de filmes, construção de textos, painéis interativos e debates. O trabalho realizado foi positivo, pois reforçou o papel da escola na formação étnico-racial dos estudantes. Percebeu-se como é necessário a mobilização de toda a comunidade escolar para se trabalhar as relações étnico-raciais no ambiente escolar. Para isso, é preciso que a escola passe a ser vista como um local de oportunidades que possam romper com estigmas, estereótipos e preconceitos, que busque retratar o negro como cidadão portador de direitos e deveres e desperte os alunos para a importância de resgatar suas origens, mostrando-lhes que as diferenças existem e devem ser respeitadas e valorizadas.

**Palavras-chave:** identidade racial; jovens; educação; ações afirmativas.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.</b>	<b>7</b>
1.1	Justificativa	9
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>11</b>
2.1	A Escola como campo da promoção das diferenças	11
2.2	A contribuição escolar na construção da identidade	12
2.3	O papel das Ações Afirmativas relacionadas à juventude	13
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO</b>	<b>16</b>
3.1	Entrevistas individuais	16
3.2	Leituras e debates	18
3.3	Exibição do filme <i>Um sonho possível</i>	21
3.4	Retratos do Brasil	23
3.5	Getecultura	25
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, diante de uma sociedade marcada por preconceitos e atos de discriminação racial, não podemos ignorar as relações de poder que regem nosso país. A nossa sociedade, definida por muitos como “mestiça”, possui vasta diversidade étnica e cultural. No entanto, nosso sistema excludente ignora as identidades diferenciadas, ditando padrões de beleza, inteligência, riqueza, entre outros, que se tornam únicos e aceitáveis diante da sociedade.

Durante muito tempo, o Brasil demonstrou indiferença em lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial. A imagem de um país homogêneo, sem diferenças constantemente é apresentado alimentando uma suposta “democracia racial”. As pessoas negam o racismo e, baseadas na justificativa que somos todos mestiços, não consideram as relações de discriminação racial cotidianamente sofrida pelos negros no Brasil. Autores como Nilma Lima Gomes (2010) e Kabengele Munanga (2005) apontam que a naturalização do racismo faz parte da sociedade brasileira.

No momento atual, a diversidade e a formação da identidade racial já são temas debatidos e discutidos por muitos educadores, cujo objetivo seria o de construir estratégias pedagógicas que possam melhorar o trabalho educativo dentro das salas de aula. Todavia, o mesmo não acontece na maioria das escolas de ensino fundamental. A implementação da Lei nº 10639 (BRASIL, 2003) no cotidiano escolar deixa muito a desejar.

Segundo Munanga (2005), os educadores e as educadoras brasileiras não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores/as e educadores/as o necessário preparo para lidar com o desafio da problemática da convivência com a diversidade.

Modificar mentalidades, vencer o preconceito e lutar contra discriminações são objetivos que nos levam a trabalhar com a valorização das diferenças e do respeito mútuo. A escola, por ser um ambiente de socialização entre crianças e adolescentes, possui um papel crucial nesse processo. É no espaço escolar que se dá a convivência entre meninos e meninas de diferentes classes sociais, diferentes padrões culturais e diferentes grupos étnico-raciais.

Com o objetivo de contribuir na formação da identidade racial dos jovens do 9º ano da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, elaborou-se um plano de intervenção. Esse trabalho promoveu reflexões, debates, exibição de filmes e produção de painéis e buscou elevar a autoestima e desnaturalizar práticas racistas na escola.

Carinhosamente conhecida como o GETECO, essa escola foi fundada em 1979, está localizada na região de Venda Nova, em Belo Horizonte. Conta com um espaço privilegiado, mesmo que se encontre na periferia da cidade e tem sido, ao longo do tempo, utilizada para a realização de vários eventos de interesse da comunidade e de setores da administração municipal. Conta com diversos programas e projetos pedagógicos, dentre eles a Escola Integrada, que funciona no contra turno com oficinas, aulas de reforço, esporte, lazer e almoço. Conta também com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), o Programa Saúde na Escola (PSE) e o programa 2º Tempo, este relacionado aos esportes. Diante desse contexto, pode-se concluir que possui excelente infraestrutura e alguns programas destinados ao atendimento dos alunos. No entanto, no interior das salas de aulas, nos corredores e pátios, situações de caráter racista continuam a ocorrer.

Segundo Louro (1997), a escola, de um modo geral, tornou-se promotora das diferenças sociais e/ou étnico-raciais ao longo dos anos. A implementação da Lei 10.639/03 no Brasil surge como uma esperança para modificar essa realidade. A intervenção pedagógica proposta neste trabalho também procurou ampliar os diversos saberes relacionados à construção da identidade racial de meninos e meninas em formação no GETECO. Além disso, buscou mostrar como as ações afirmativas podem levar os jovens do 3º ciclo a reconhecerem e a respeitarem as diferenças raciais, desmistificando o mito da democracia racial e a naturalização dos apelidos racistas.

## 1.1 Justificativa

Ao apresentar-se como uma instituição social, a escola é responsável pelo processo de socialização dos meninos e meninas que a ela recorrem. É no ambiente escolar que diferentes núcleos familiares e diferentes matrizes culturais entram em contato. Esse contato poderá fazer da escola o primeiro local de vivência das tensões raciais.

A naturalização dos apelidos racistas, tratados muitas vezes como brincadeira de criança, pode interferir na formação da identidade desses jovens. As tensões e a não intervenção da autoridade escolar, no sentido de erradicar o problema, leva, na maioria das vezes, muitos adolescentes a não se interessarem pelos estudos.

Segundo Gomes (2010), há varias formas e modelos de educação e, na escola, aprendemos e compartilhamos saberes, valores, crenças e hábitos. No entanto, é nesse espaço também que podemos reforçar ou amenizar sentimentos relacionados a todos os tipos de discriminação. Gomes (2002, p. 10) ainda nos diz que “o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.”

Nesse contexto, a escola se apresenta como um dos espaços marcantes na formação de valores e de posturas que possam contribuir para que jovens negros valorizem seu pertencimento étnico-racial, fortalecendo sua autoestima e a promoção da igualdade real de direito, como é possível observar nas Diretrizes Curriculares para Inclusão da Historia e Cultura Afro-Brasileira e Africana no sistema de ensino.

Com a finalidade de possibilitar aos alunos do 9º ano do GETECO momentos de reflexão no que diz respeito à construção da identidade racial, deu-se ênfase a fatos cotidianos envolvendo os próprios alunos e a naturalização dos apelidos racistas nessa escola.

Observa-se que as formas de discriminação que ocorrem dentro das escolas podem torná-las cada vez mais espaços de exclusão social. Cabe a nós educadores

promovermos mecanismos que possam transformá-las em vias de acesso à cidadania, à capacidade crítica e ao mercado de trabalho.

Como metas gerais do projeto de intervenção, desenvolveu-se atividades cujos principais objetivos foram: desnaturalizar práticas racistas presentes no cotidiano escolar do GETECO; contribuir para a formação racial dos jovens do 3º ciclo; enfatizar, no contexto escolar, como os apelidos racistas interferem na construção da identidade racial; valorizar as influências afrodescendentes no contexto acadêmico rompendo a imagem negativa do continente africano; e promover a autoestima através de ações afirmativas que possam criar relações positivas entre os alunos, proporcionando uma maior integração e participação nas discussões para a educação das relações étnico-raciais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A Escola como campo da promoção das diferenças**

Para Louro (1997), a instituição escolar, que nos foi apresentada pela sociedade ocidental moderna, já surgiu promovendo uma ação distintiva, onde aqueles que entravam se tornavam diferentes dos demais que não conseguiam chegar ao local do conhecimento. Ainda segundo Louro, no interior das instituições de ensino, as diferenças, distinções e desigualdades se hierarquizavam reproduzindo ainda mais as variadas formas de discriminação entre esses alunos.

Criada inicialmente para poucos, a escola passou lentamente a ser cobiçada por grande parte da sociedade mundial. Ao longo dos tempos, novos grupos foram requisitando espaços e participação até chegarmos às instituições escolares da atualidade. Louro ainda nos leva a pensar que efeitos dessas diferenças, distinções e desigualdades produzidas nas escolas poderiam provocar em meninos e meninas.

No Brasil, o preconceito racial e o racismo se manifestam no dia a dia das pessoas. O preconceito se manifesta em relação à diferença de cor, condição social, nível de escolaridade, aparência, faixa etária, gênero.

Nas instituições escolares, o sistema de ensino ainda é pouco atraente para os afrodescendentes. As escolas não reconhecem vários problemas enfrentados por esses alunos como, por exemplo, a imposição de um currículo que não valoriza suas origens e a presença do racismo e preconceito dentro das salas de aula.

A Lei nº 10639/2003 altera a Lei nº 9394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira. Essa Lei surgiu como uma vitória do Movimento Negro em suas lutas no mundo da educação. A obrigatoriedade desse tema nos currículos defende outras visões de mundo, alternativas à eurocêntrica que predomina em nossas escolas. Segundo Henriques,

[...] à luta histórica dos movimentos sociais negros por uma educação anti-racista; à democratização de manifestações do racismo no cotidiano escolar

a conceitos necessários à compreensão questão racial no Brasil; ao poder das linguagens escolares na e para a reprodução de preconceitos raciais, bem como à histórica orientação eurocêntrica da educação brasileira; à ausência da história do continente africano e dos africanos no Brasil e/ou da produção historiográfica sobre esse continente produzida por brilhantes intelectuais africanos; a aspectos fundamentais da Geografia africana; e à concepção de mundo africana. (HENRIQUES, 2005 p.8)

A referida Lei nº 10.639/03 nos leva a acreditar que as escolas poderão rever práticas e posturas no sentido da construção de uma educação antirracista direcionada para a diversidade e para a igualdade racial. Afinal, já se passaram mais de uma década e muitas escolas ignoram o processo histórico que deu origem a essa lei.

## **2.2 A contribuição escolar na construção da identidade**

A construção da identidade está presente em todo o ambiente escolar, podendo ser promotora de ações positivas ou negativas no que se refere à formação e à capacitação da juventude. Conforme Hall (2002):

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2002,p.7).

Hall alerta que o próprio conceito de identidade é muito complexo. Com isso, o papel da escola nesse contexto é o de promover encaminhamentos que possam valorizar a identidade dos jovens atuais. Agregar valor a características antes vistas como negativas pode ser um caminho a seguir. Tomemos como exemplo meninos e meninas negras assumindo seus cabelos ao natural. Diante do modelo de beleza imposto pela sociedade moderna, essas crianças seriam motivo de piada para a classe. No entanto, mesmo que lentamente, se esses modelos de beleza são alterados valorizando o cabelo afro, as crianças negras passariam a ser respeitadas e poderiam se orgulhar da sua cor e raça. O papel de construção da identidade supera as características físicas e pessoais, ele constitui-se também de experiências cotidianas, principalmente aquelas ligadas a heranças culturais. Por isso, a identidade pode ser entendida como um processo que se organiza na relação entre

os grupos sociais e grupos que envolvem relações de poder. Para Cuche,

[..] nem todos os grupos têm o mesmo “poder de identificação”, pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos. Nem todos os grupos têm o poder de nomear e de se nomear. Bourdieu explica, no clássico artigo “A identidade e a representação” [1980], que somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem impor suas próprias definições de si mesmo e dos outros. O conjunto das definições de identidade funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo. (CUCHE, 2002, p.186).

As construções de nossas identidades constantemente sofrem alterações. Segundo Mouffe (1999), a identidade é nômade, vai além da nacionalidade e das características físicas, além de ser constituída pela nossa forma de pensar e se portar diante das situações em que nos encontramos.

A discriminação racial interfere de maneira negativa na construção da identidade. Quando crianças e adolescentes negros vivenciam experiências traumáticas relacionadas à cor da pele, ao tipo de cabelo, sua cultura e sua religião, seja na escola, na família ou na sociedade, pode-se abrir feridas que demoram a cicatrizar. As experiências escolares dos adolescentes podem se tornar dolorosas e marcantes. As brincadeiras e os apelidos racistas naturalizados pela sociedade compactuam no sentido de ignorar a discriminação racial ao invés de combatê-la.

### **2.3 O papel das Ações Afirmativas relacionadas à juventude**

Atualmente um dos grandes desafios da escola tem sido promover ações que instiguem a permanência e o interesse dos jovens junto aos temas acadêmicos. Para Dayrell (2007), o fracasso escolar tornou-se motivo de discussões envolvendo todos os sujeitos da comunidade escolar e professores:

Nessa forma simplista de pensar a escola e a educação da juventude, a escola e seus profissionais, por um lado, entendem que o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Por outro lado, para os jovens, a escola se mostraria distante dos seus interesses reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tomando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas, requisito cada vez mais importante no mundo moderno. Por essa perspectiva, parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com

professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DAYRELL, 2007, p.1106).

Conforme alguns autores, entre eles Jesus (2009) e Dayrell (2007), a relação dos jovens com a escola não pode ser explicada em si mesma. Portanto não se pode apontar culpados numa relação coberta de confrontos e impasses, carentes de investimentos públicos e pessoais. De acordo com Jesus (2009), verifica-se que atualmente a escola, apesar de competir com a televisão, internet e outras tecnologias, ainda ocupa um lugar privilegiado na sociedade, por fornecer mecanismos legais de entrada no mercado de trabalho e também por formar cidadãos que possam ser inseridos no mundo considerado “sociável”.

Segundo Canário (2005, p.81), “ao mesmo tempo em que abre as portas e democratiza o acesso, tornando-se, portanto, menos elitista, a escola [...] reproduz através de mecanismos de violência simbólica, desigualdades sociais.”

Para Santos (1994), faz-se necessário reconhecer a questão racial como um problema nacional de extrema prioridade. É injusto tratarmos igualmente descendentes de imigrantes europeus, sempre apoiados pelo governo, da mesma maneira que afrodescendentes marcados pelo estigma da escravidão. Santos afirma também que:

As características peculiares das relações raciais no Brasil impõem a elaboração de um modelo próprio no tocante às políticas compensatórias para os afrodescendentes. A prioridade a ser considerada, a educação, busca alterar a “visão da sociedade” que é composta por negros e brancos. É necessário ainda dar visibilidade ao negro no Brasil. Isso quer dizer que sem a democratização dos meios de comunicação de massa (Rádio e TV) não há como fazer avançar e romper a circularidade a que se submete a questão racial do negro entre nós. Tais medidas são: a construção de uma pedagogia reversiva que possa ser usada pela escola, em conjunto com a visibilidade positiva do negro e do afromestiço pela mídia, facilitarão ao país assumir a sua verdadeira cara. Isto significa construir um novo modelo estético, estético-cultural que revoluciona o país, pois muda a maneira do brasileiro ver a si próprio. A TV brasileira — a título do exemplo deixaria de ser escandinava, dado ao grande número de modelos loiros que utiliza. (SANTOS,1994,p.462-463).

Uma das estratégias para se tentar mudar essa realidade são os investimentos em Ações Afirmativas. Para Gomes (2001), as Ações Afirmativas podem ser definidas como um conjunto de políticas públicas ou particulares que se propõe a corrigir as

desigualdades impostas ao longo dos anos a alguns grupos sociais e/ou étnicos-raciais discriminados ou excluídos pela sociedade de maneira geral.

### **3 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO**

A escola é um dos ambientes onde se realizam trocas de saberes e de experiências. Entre os meses de setembro e novembro de 2014, entrevistas, debates e filmes envolvendo jovens do 9º ano do GETECO transformaram-se em recursos para a formação étnico-racial desses adolescentes durante as aulas da disciplina Geografia. Participaram da execução do projeto 105 alunos concentrados no turno da manhã, com faixa etária entre 13 e 16 anos.

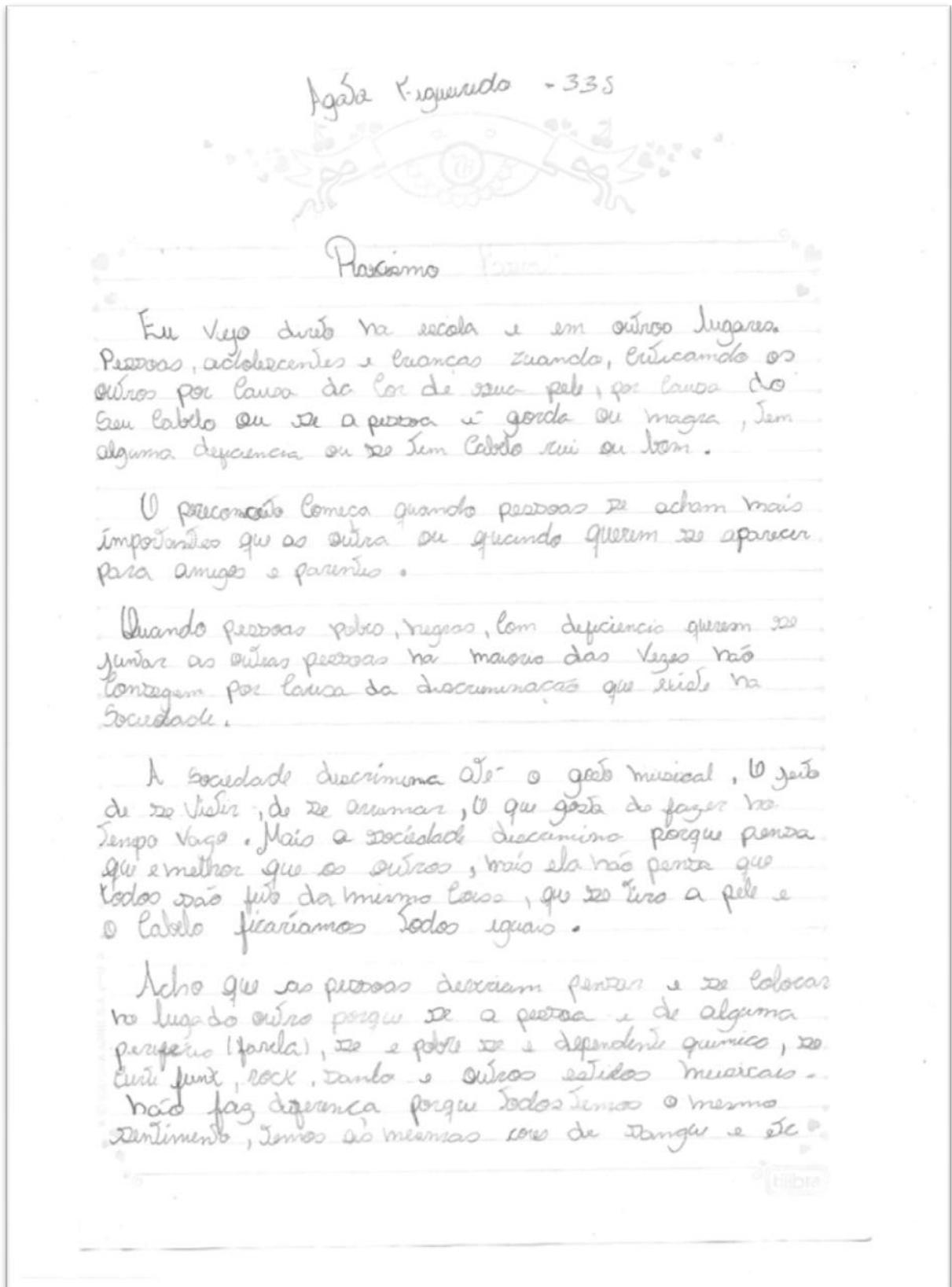
O projeto de intervenção baseou-se em entrevistas individuais; leituras; debates; exibição do filme *Um sonho possível*, construção do mapa interativo Retratos do Brasil e realização da GETECULTURA. A seguir serão apresentadas as etapas do desenvolvimento dessas ações.

#### **3.1 Entrevistas individuais**

Com o objetivo de se conhecer melhor a realidade escolar e familiar dos jovens envolvidos no trabalho proposto, realizou-se uma sondagem através de uma escuta dos alunos em relação a algumas questões como idade, cor, importância da escola em sua vida e também como se sentem em relação aos apelidos racistas usados dentro da escola.

Todo o material coletado foi armazenado e, em outro momento, com o consentimento dos alunos e autorizado pelos pais, conforme assinatura do Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos (APÊNDICE A), seria exposto para o restante da turma, enriquecendo o debate. A seguir, o depoimento de Ágata (aluna do 9º ano ) como exemplo dessa produção,:

Figura 1: Depoimento da aluna Ágata.



### 3.2 Leituras e debates

Trabalhamos em sala de aula o texto “A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil”, uma entrevista com o antropólogo e professor da Universidade de São Paulo Kabengele Munanga, e o artigo “Do Eurocentrismo ao Afropessimismo”, de Francisco Santos Silveira. Em grupos menores, de quatro a cinco pessoas, os alunos tiveram a oportunidade de debater os textos.

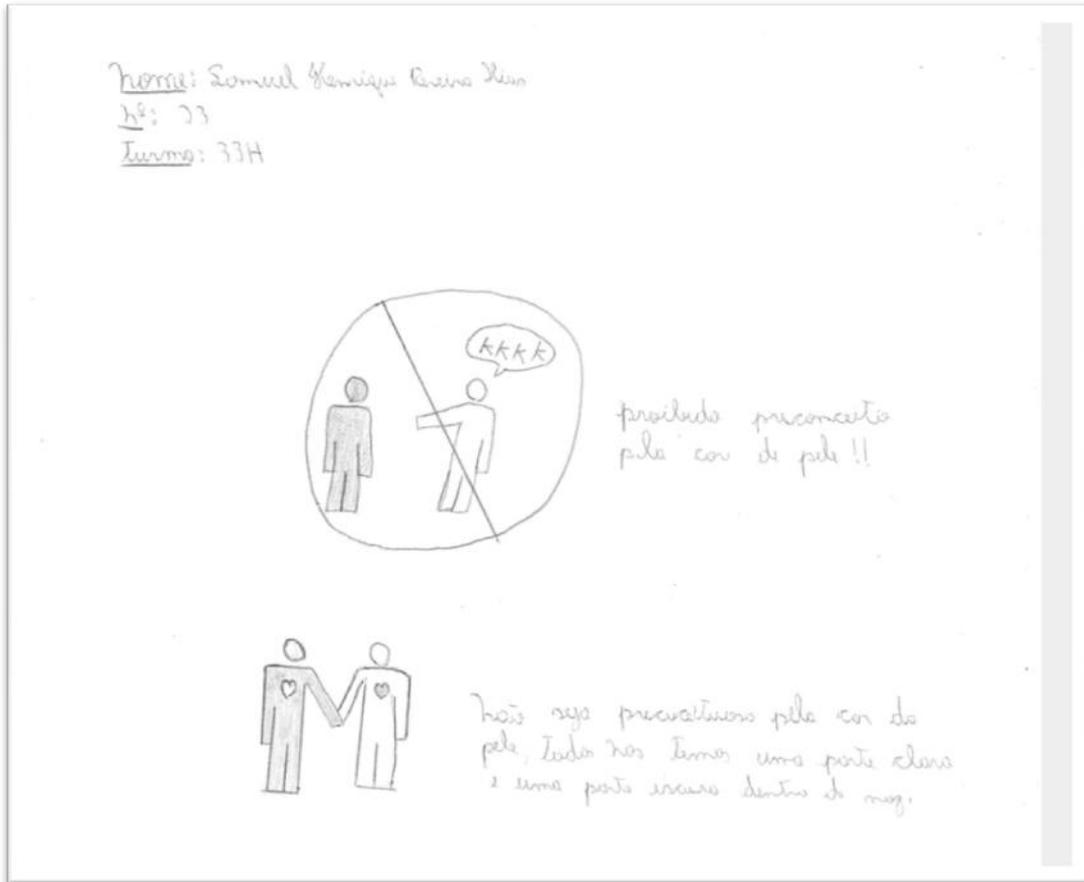
A escolha do primeiro texto surgiu como demanda após as entrevistas individuais. O texto foi aproveitado para discutir questões polêmicas sobre as dificuldades de se definir quem é negro no Brasil. Também foi destacado o sujeito Kabengele Munanga, para chamar a atenção dos alunos para o fato de que, assim como ele, há outros negros que se destacam no mundo das ciências.

Para a análise do segundo texto, alguns alunos se dispuseram a representar teatralmente, de um lado, o papel dos europeus diante do mundo e, de outro, o papel dos africanos.

Foram realizados debates com os alunos para discutir o quanto ser negro no Brasil é impregnado de preconceitos e racismos. Reforçou-se que, apenas a partir da tomada de consciência de pequenos grupos, pode-se desfazer o mito da democracia racial em nosso país.

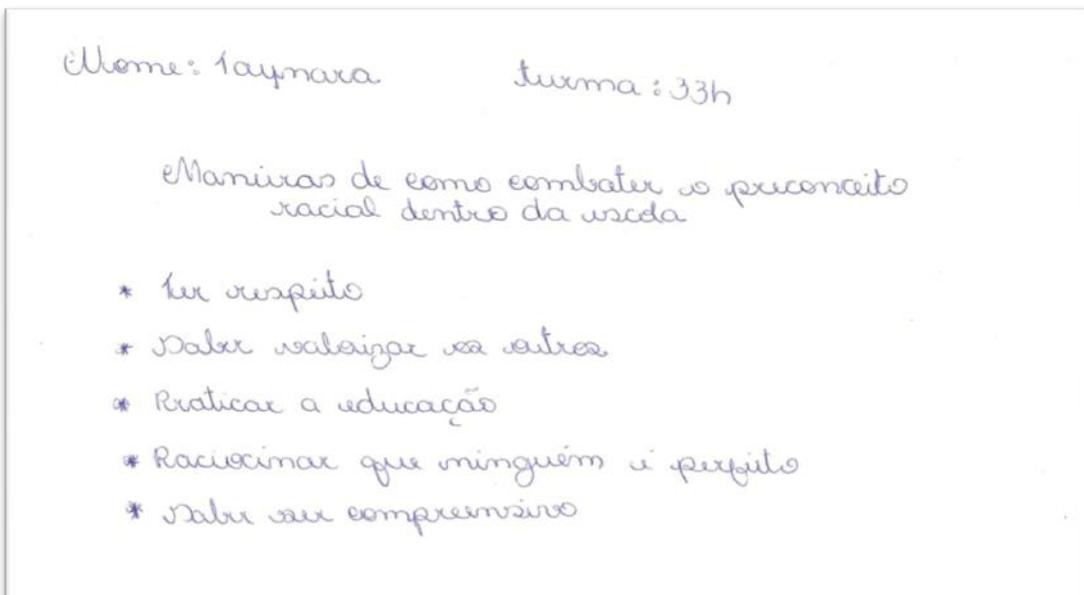
Alguns alunos escreveram o que fazer para combater o preconceito e a discriminação em nossa sociedade. Vejamos a seguir, as figuras 2, 3 e 4 são alguns exemplos dessa produção:

Figura 2: Comentário de Samuel



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 3: Comentário de Taynara



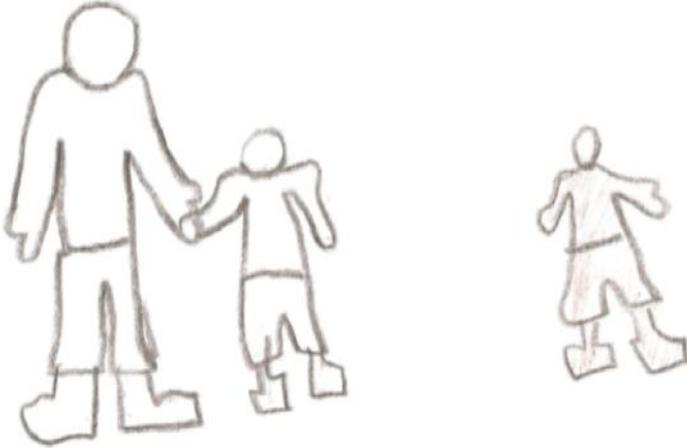
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 4: Comentário de Arthur

Maneiras de combater o preconceito

1. Ensinar os filhos desde criança à lidar com todos os tipos de pessoas e a serem educados.
2. Criar maneiras de conscientizar alunos e até mesmo pessoas de fora da escola.

O Preconceito



Nome: Arthur Vinícius N. Sabino.  
Turma: 334.  
Turno: Manhã.

### 3.3 Exibição do filme *Um sonho possível*

O objetivo, ao exibir o filme *Um sonho possível* (2009), de John Lee Hancock (FOTO 1), foi mostrar aos alunos a questão de como apelidos racistas, muitas vezes tratados com naturalidade, interferem na vida daqueles que cotidianamente são discriminados por esses apelidos. Enfatizou-se cenas em que o personagem Quinton Aaron, representado pelo ator Michael Oher, revela que não gosta de seu apelido “Big Mike”, mas todos chamam-no assim com naturalidade e ele acaba aceitando para não discutir com os colegas. Outra cena que também chamou a atenção foi quando Michael escreve uma redação “se sentindo um peixe fora d’água” na escola, porque suas paredes são brancas, as carteiras são brancas, o papel é branco, as pessoas são brancas e apenas ele é negro naquele cenário. Outros apelidos são atribuídos a Michael quando o mesmo joga futebol americano, como macaco e grande urso preto. Esse fato levou muitos alunos a fazerem comparações aos jogos de futebol realizados no Brasil, quando os jogadores, treinadores e juízes são vítimas de racismo.

Foto 1: Cena do filme *Um sonho possível* (2009)



Fonte: ADORO..., 2014.

No filme, o papel da escola e as ações afirmativas por parte da família que o adotou incentivando-o foram decisivos para superar os desafios da vida. Outro ponto interessante relacionado ao filme foi que, ao trabalharmos os apelidos racistas dentro da sala de aula, os alunos descobriram dentro do grupo que muitos colegas não gostavam de como eram tratados. Mesmo aqueles que levavam na brincadeira os apelidos sentiam-se discriminados na escola. Ao relacionar o filme e algumas atividades do livro didático, os alunos demonstraram seus sentimentos a respeito

dos apelidos racistas. Dentre eles, destacamos o trabalho de um aluno na figura 5 abaixo.

Figura 5: Relatos de Patrick

Nome: Patrick Pierre de Almeida Ribeiro.

turma: 334

matéria: Geografia.

Valor: 5 Pontos.

\* Observando página 55, siga o modelo apresentando na cúpula do milênio, tentando desenhar ou escrever pelo menos 2 maneiras de se combater o **Preconceito Racial no Gênero**.

1- não xingar o outro de macaco, imitar barulhos que parecem com animais, ter respeito e amar o próximo.



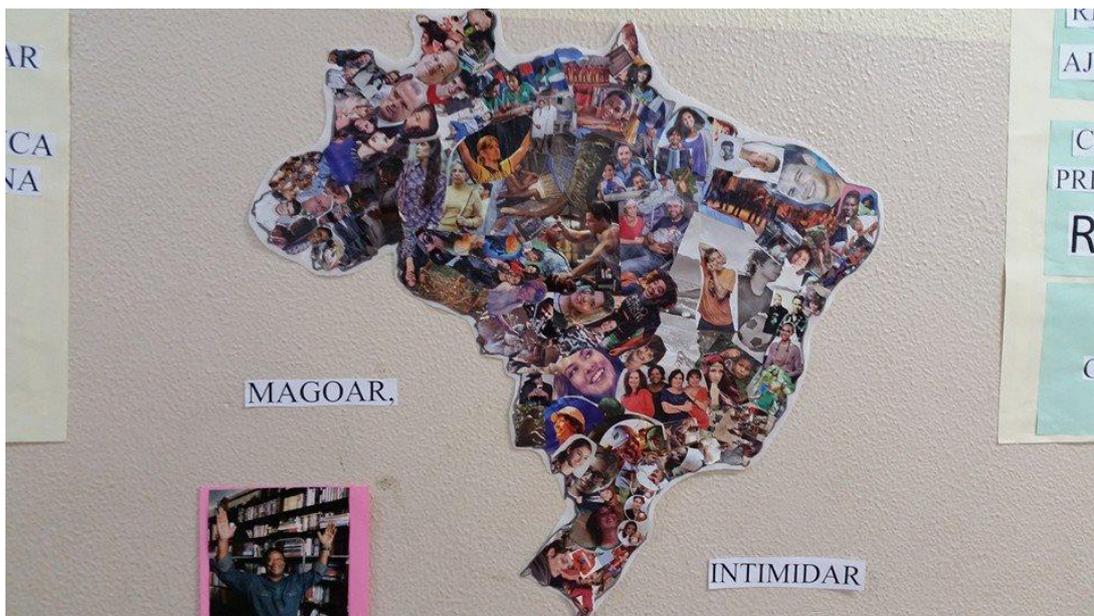
2 Não chamar os outros de apelidos esquisitos, macaco, oprila, tizil, jogar banana em estádios de futebol, e ter respeito ao próximo.



### 3.4 Retratos do Brasil

Ao dar continuidade aos trabalhos em grupo, refletimos sobre a imagem do negro diante da mídia (TV, revistas e jornais) e também nos livros didáticos. Previamente foi pedido a eles que levassem o material para a sala para serem montados os painéis. Os alunos confeccionaram um mapa do Brasil (FOTO 2) com imagens de revistas, mas poucos negros representavam nossa população, tamanha era a falta de material disponível para confecção do mapa e um cartaz (FOTO 3). Então, iniciamos um trabalho de separação das fotos, solicitei, em seguida, que os alunos as classificassem como bonitas, feias, famosos ou sem importância.

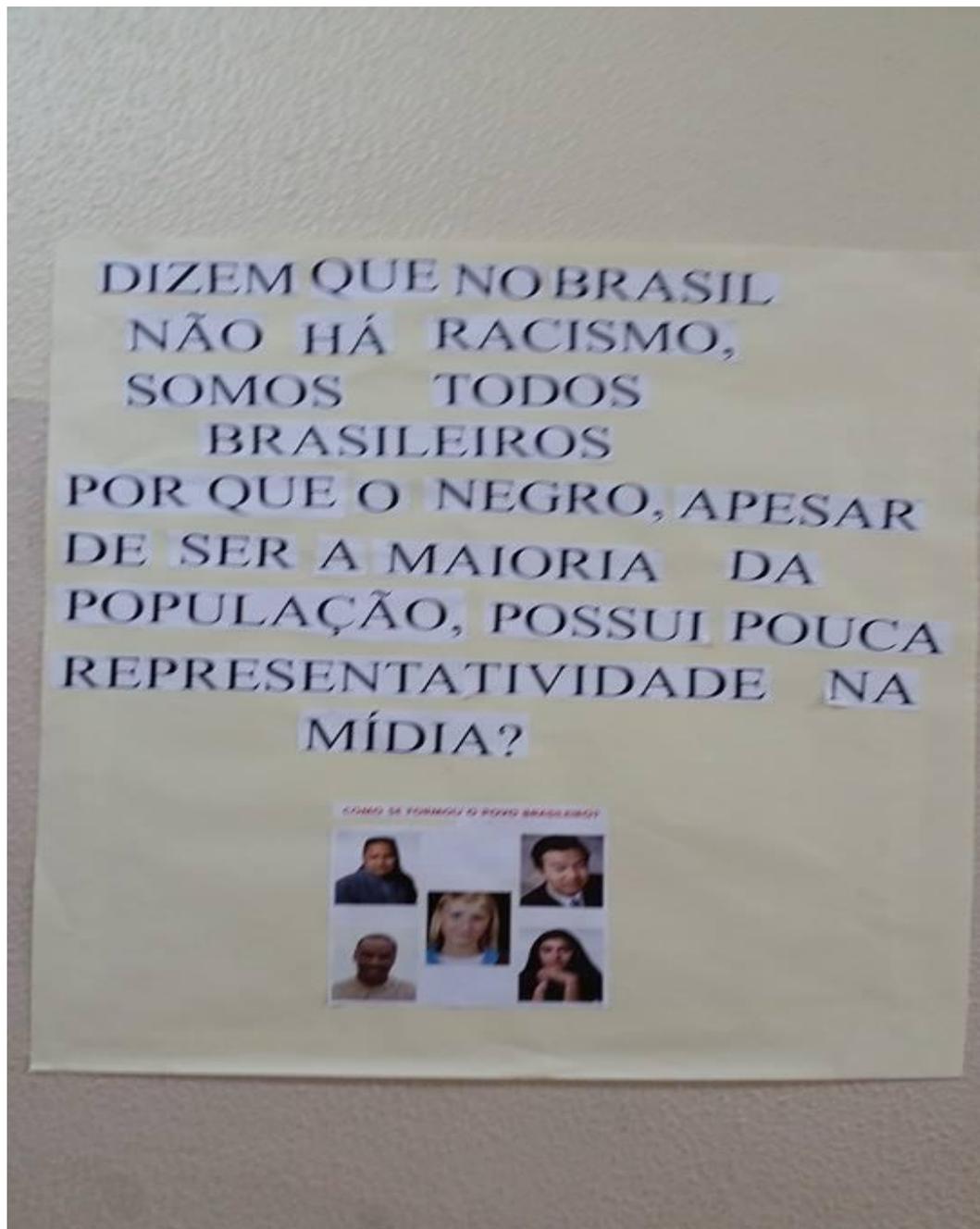
Foto 2: Mapa do Brasil e seu povo



Fonte: dados da pesquisa.

A partir dessa prática, houve um debate sobre os padrões de beleza existentes em nosso país, os alunos chegaram à conclusão que é “bonito o que a televisão e as revistas ditam”, além disso, evidenciaram que “quem tem dinheiro é respeitado”.

Foto 3: Cartaz sobre racismo e a mídia.



Fonte: autoria própria.

Ao serem indagados sobre quem aparece mais nesses meios de comunicação, foram unânimes em dizer: “louros e magros”. Entretanto, aquelas pessoas não os representavam, evidenciou-se que cada pessoa tem as suas características e o ideal é você se sentir bem como é, procurar mudar se isso lhe fizer bem e reconhecer que cada pessoa é importante para a nossa convivência em sociedade.

### 3.5 Getecultura

A feira de cultura do Geteco, denominada Getecultura, foi o espaço apropriado para expor e compartilhar todo o trabalho realizado pelos alunos do 9º ano do turno da manhã (FOTO 4).

Foto 4: Cartaz exposto na GETECULTURA 2014

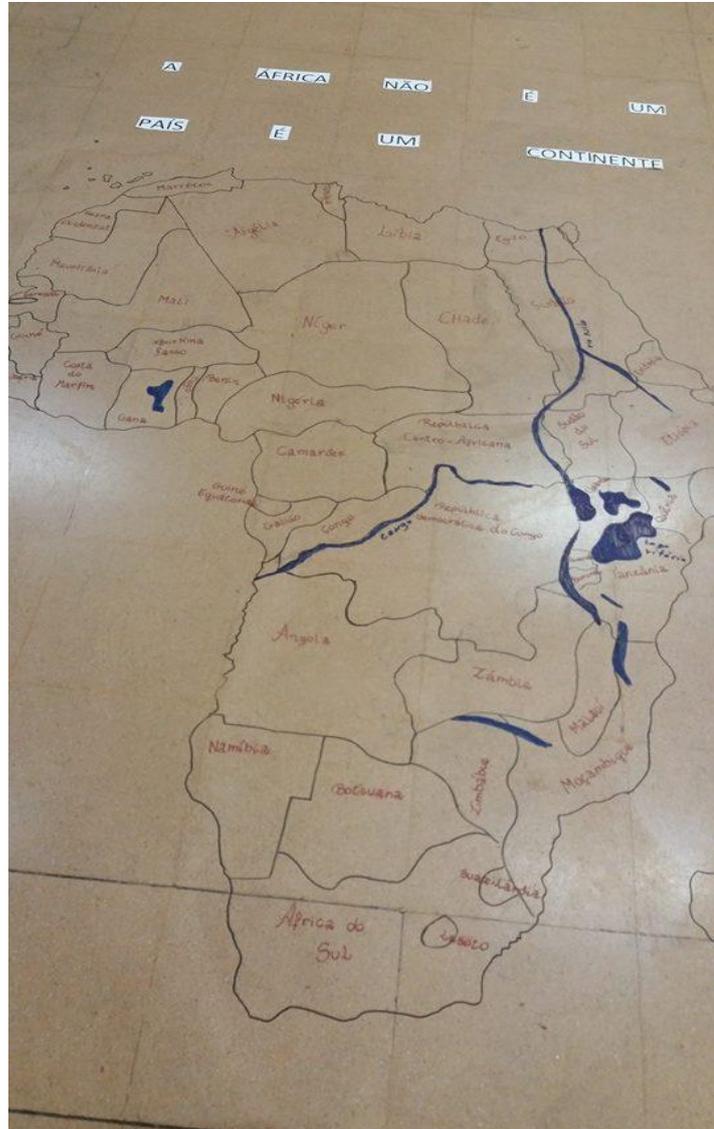


Fonte: autoria própria.

No dia anterior à Getecultura, foi organizado todo o espaço contando também com o auxílio da bibliotecária da escola. No centro de uma sala de aula (chão), os alunos desenharam um mapa político da África com o título: “A África não é um país, é um continente” (FOTO 5). Destacou-se alguns aspectos naturais (deserto do Saara, rio Nilo), mas também a importância de pessoas como Nelson Mandela, na luta contra a

discriminação racial.

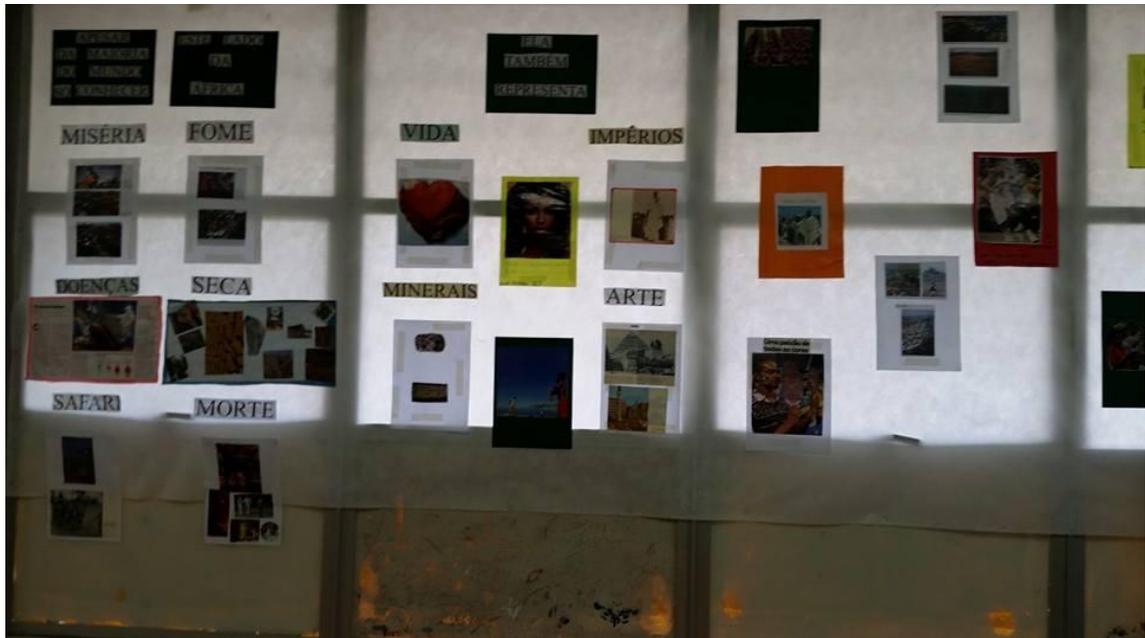
Foto 5: Mapa sobre o continente África - GETECULTURA 2014



Fonte: autoria própria.

Nas paredes foram colocados os painéis produzidos pelos grupos durante os encontros em sala de aula (FOTOS 6). Foram imagens e frases reforçando o combate ao preconceito e à discriminação racial dentro e fora da escola. Também foram apresentados vários livros de escritores afrodescendentes, enfatizando que negros podem ser heróis, mocinhos, intelectuais, cientistas, políticos e não apenas marginais, como geralmente são rotulados (FOTO 7).

Foto 6: Paineis – Combate ao preconceito e ao racismo - GETECULTURA 2014



Fonte: autoria própria.

Foto 7 : Paineis – Redescobrimos a África - GETECULTURA 2014



Fonte: autoria própria.

#### 4 ANÁLISES DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

Segundo Ramos (2007, p.6), “somos o maior país do mundo em população afrodescendentes fora do continente africano.” No entanto, ao se realizar as entrevistas, notou-se que grande parte desses jovens se sentiam confusos, principalmente quando o assunto era em relação ao seu pertencimento racial. Muitos se surpreenderam com as informações, principalmente na polêmica de se definir quem é negro no Brasil. A maioria dos alunos enxergava como negros apenas as pessoas de pele escura e cabelo crespo. Alguns se identificaram com palavras de Kabengele Munanga, quando este disse que muitas pessoas negras já se apossaram do ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Outro fator relevante foi observado pelos alunos em relação ao não querer ser negro no Brasil. Eles perceberam, diante das falas de seus colegas, que ser negro em nosso país está associado a aspectos negativos como a malandragem, as favelas e aos homicídios.

A segunda rodada de debates foi enriquecida com pequenas encenações, em que os adolescentes transformaram-se: de um lado europeus, defendendo sua hegemonia cultural e, de outro, africanos inconformados com as desgraças que recaem sobre seu continente. Esses pequenos atores compreenderam que, ao longo de suas trajetórias escolares, a figura do negro foi repassada a eles apenas como escravo, sem passado, sem história. Eles compreenderam também que o continente africano não pode ser retratado apenas com estereótipos pessimistas.

Uma das tarefas avaliativas desse projeto foi em relação ao filme *Um Sonho Possível*. Após sua exibição, os alunos se reuniram em grupos e discutiram as questões que lhes foram entregues. As respostas apresentadas foram bem elaboradas e argumentativas. Eles demonstraram que entenderam o objetivo para a exibição desse filme. Perceberam como os apelidos racistas muitas vezes são comparados a seres não humanos, como urubu, carvão, tição, macaco, entre outros. Perceberam que, para a maioria, isso não passava de brincadeiras de adolescentes, mas, para as vítimas, são feridas que podem não cicatrizar.

De acordo com Ramos, “a mídia desempenha um papel central e único na produção e manutenção do racismo” (RAMOS, 2007, p. 9). Ao confeccionarem o mapa Retratos do Brasil, os alunos encontraram grande dificuldade para localizar reportagens ou mesmo imagens de negros na mídia. Nos livros didáticos, essas imagens, praticamente eram associadas à escravidão. Perceberam, ao separarem as imagens, que os padrões de beleza existentes em nosso país valorizam o branco, o loiro, ou seja, uma minoria da população brasileira.

Observaram também como os negros estão associados a profissões ditas “subalternas”, menos importantes. Essa busca por respostas e porquês revelou em muitos alunos sentimentos de revolta e indignação.

Um dos momentos mais significativos deste projeto foi a Getecultura 2014. Alguns alunos aproveitaram o contato com o restante da comunidade para repassarem suas experiências em relação aos temas em exposição. Explicaram os painéis (FOTOS 6;7) e os mapas (FOTOS 2;5) produzidos por eles, demonstravam orgulho ao se referirem à África e tentarem utilizar o ambiente escolar para diminuir os preconceitos cotidianamente utilizados para inferiorizar o continente.

Pedagogicamente o trabalho realizado foi positivo. Percebeu-se nitidamente uma melhora na autoestima dos alunos envolvidos e uma maior compreensão quanto ao seu espaço, seu lugar na sociedade. Diante dessas análises, pode-se concluir que é no ambiente escolar que muitos adolescentes buscam respostas e exemplos em que possam se espelhar. Portanto, é de responsabilidade dos educadores construir representações positivas sobre o negro e demais grupos que vivem uma história de exclusão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país onde as pessoas não reconhecem a existência do racismo, torna-se desestimulante a construção de propostas que possam parar a reprodução das desigualdades e de valorizar as diferenças. Entretanto, segundo Gomes “ser negro e afirmar-se negro no Brasil, não se limita a cor da pele. É uma postura política” (GOMES, 2002, p.10), é preciso se assumir enquanto afrodescendente e lutar por seus direitos, por exemplo, exigir dos governantes, políticas públicas que atendam à maioria da população do Brasil.

Durante as etapas dessa intervenção, várias foram as evidências de que as questões raciais têm sido pouco desenvolvidas em sala de aula. Poucos são os professores que se envolvem na temática. A constante reprodução de práticas racistas é, em grande parte, justificada pela educação eurocêntrica e preconceituosa que sempre predominou em nosso país.

A juventude negra não encontrar espaços no ambiente escolar que estimulem a promoção de sua identidade racial. O racismo na escola ocorre frequentemente entre os alunos através dos apelidos pejorativos. Já entre professores e alunos prevalecem, no momento, a negação da existência de problemas que envolvem essas questões e uma invisibilidade das tradições africanas e afrodescendentes nos currículos escolares. Após vinte anos de efetivo trabalho nas áreas de Geografia/História no GETECO, esse trabalho gerou nos educadores envolvidos sentimentos que poderão mudar essa realidade.

Diante dessas observações, percebe-se o quanto é urgente a mobilização de toda a comunidade para se trabalhar as relações étnico-raciais no ambiente escolar. É preciso que a escola passe a ser vista como um local de oportunidades e que pode romper com estigmas, estereótipos e preconceitos, que se busque retratar o negro como cidadão portador de direitos e deveres. Enfim, despertar nos alunos a importância de resgatar suas origens mostrando-lhes que as diferenças existem, entretanto, devem ser respeitadas e valorizadas.

Após avaliar de maneira positiva o trabalho desenvolvido com as turmas do 9º ano

de 2014, em 2015, almeja-se dar continuidade ao trabalho envolvendo novos professores e coordenadores no processo.

No início do ano letivo de 2015, marcado pelo carnaval e também por outros assuntos emergentes (escassez de água), apenas foi possível uma interferência em relação aos assuntos étnicos raciais, no final do mês de fevereiro. A coordenação pedagógica propôs que se façam trabalhos interdisciplinares envolvendo o tema. A sugestão é que cada vez mais possam ser trabalhados não apenas o que exige a Lei nº 10.639/03 mas também questões de gênero.

A área de Português do GETECO propôs trabalhar com a literatura relacionada principalmente ao combate do preconceito racial, livros como *Pretinha, Eu?* ou *A Cor do Preconceito* serão cobrados em avaliações. Outros professores pretendem trabalhar também com apresentações teatrais relacionadas ao tema. A área de Geografia/História tentará mudar a imagem do negro diante da sociedade, valorizando nossas raízes afrodescendentes abrindo outras possibilidades de apresentação da África para que possa deixar de ser apenas sinônimo de misérias, doenças e safáris.

Outra sugestão é que seja um trabalho permanente, isto é, não apenas para ser apresentado em uma feira de fim de ano.

Espera-se que o preconceito racial e a naturalização de apelidos racistas possam ser combatidos no momento em que se faça necessário, que o professor interrompa sua aula quantas vezes for necessário, objetivando zelar pelo respeito e dignidade daqueles que se sentem oprimidos ou rejeitados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Educação e Raça: perspectivas políticas pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção: Cultura negra e identidades)

ADORO cinema. Um sonho possível. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-132048/fotos/detalhe/?cmediafile=19914624>> .Acesso em: 28 abr. 2015.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC/CNE, 2004.

\_\_\_\_\_. Lei 10.639, de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 02 ago. 2014.

BRITO, Ângela Maria Benedita B. de; SANTANA, Moisés de Melo; CORREIA, Rosa Lucia. *Kulé – kulé: Educação e Identidade Negra*. Maceió: EDU FAL, 2004.

CANÁRIO, Rui. *O que é a escola? Um “olhar sociológico”*. Porto: Porto Editora, 2005.

CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 2. ed. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

DAYRELL, Juarez T. A escola faz juventudes – Reflexões em torno da socialização Juvenil”. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n.100, p.1105 –1127, out 2007.

\_\_\_\_\_; GOMES Nilma L.; LEÃO, Geraldo M. P. Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. Região metropolitana de Belo Horizonte. *Relatório preliminar dos grupos de diálogos*. Belo Horizonte, junho, 2005.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GOMES, Joaquim Barbosa. Ação Afirmativa x Princípio constitucional da igualdade. São Paulo: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino, Educação e Identidade Negra. In: *Aletria – revista de estudos de literatura*. Alteridades em questão. Belo Horizonte, POSLIT/ CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n 9, dez/2002, p. 38-47.

\_\_\_\_\_. Educação raça e gênero: Relações imersas na alteridade, *Caderno de Pagu*, Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_; SILVA, Petronilha Beatriz (Org.). *Experiências étnico- culturais para formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2002. p. 7 -46.

HENRIQUES, Ricardo. Apresentação. In: *Ministério da Educação. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. *Ponha-se em seu lugar- Juventude, relações raciais e ações afirmativas*, 2009. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/pactomg/images/APOIOCADERNO2/Juventudeeelasraciais.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_; REIS, Juliana Batista dos Reis. Juventude e diversidade étnico-racial. In: CORREA, Licínia Maria; ALVES, Maria Zenaide, MAIA, Carla Linhares (Org.). *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENEZES, Alaíde Neiva de (Org.). *Revista Geteco 20 anos*. Belo Horizonte: Ed. Centro Gráfico da PBH. v.1, n.1, 1999, 42 p.

MOUFFE, Chantal. *Por uma política da identidade nômade*. Debate Feminista. Edição Especial. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999, p.266-275.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos Penesb*, Niterói, Editora da UFF, n. 5, p. 15-34, 2004.

\_\_\_\_\_; Gomes, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: histórias, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global 2004.

\_\_\_\_\_. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil (entrevista). *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.50, 2004.

RAMOS, Sílvia. *Mídia e Racismo organização*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SANTOS, Hélio. Uma teoria para a questão racial do negro brasileiro: a trilha do círculo vicioso. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, v.8, n.3, jul-set.1994.

UM SONHO possível. Direção: John Lee Hancock . EUA: Warner Bros , 2009. 1DVD (120 min), son, color. Legendado.

VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. Do Eurocentrismo ao Afropessimismo. *Revista em Debate*. Maxwell, Fascículo 3, 2006.

## APÊNDICE

### Apêndice A — Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos



Coordenadora Geral do Curso

**LASEB**

**Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica**

Belo Horizonte, 6 de dezembro de 2014.

Aos Pais/Responsáveis:

A Profa. Aparecida de Jesus Galdino desenvolverá, nesta escola, o projeto “O papel da escola na formação étnico-raciais dos jovens do ensino fundamental” relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,

  
 Vanessa Sena Tomaz  
 CIC 515 329 216-91  
 M 2716653 – SSP/MG  
 Pesquisadora

Coordenadora Geral do Curso

**Nome do aluno (a):** \_\_\_\_\_

**De acordo:** assinatura dos pais/responsáveis pelo(a) aluno(a): \_\_\_\_\_